

Bom domingo, minhas amadas sementes!

Vou falar sobre uma coisa bem simples. Frequentemente, a Servidora sente uma nostalgia do passado e sinto necessidade de falar dele porque agora tudo está robotizado, mas eu adoro lembrar como antes existiam os pomares, os jardins, as galinhas, os coelhos, quando aquele trem chegava à estação de Ager e parava. Sempre estava atrasado porque não se podiam controlar os horários como hoje. Diziam: “o das 5 certamente vai chegar às 5:30. Não se iluda, o ônibus das 11 às vezes chega às 11:15 ou 11:20”. O da manhã era um trem de carga, que passava entre 6 e 7 horas. Eram os que levavam mercadorias. Não paravam na estação, passavam direto! Ir tomar banho no lago de Ager era uma maravilha. Bebíamos daquela água quando éramos crianças. Para aguentar mais tempo debaixo da água, a Servidora engolia, engolia, engolia água até não poder mais. Imaginem a ‘pureza’ daquela água. Não era analisada, nem se sabia se tinha alguma coisa nela. Muitas vezes descíamos acompanhados dos porquinhos. E era ali que as crianças tomavam banho – inclusive a Servidora – com seus bacorinhos. Brincávamos com eles, eles se rolavam na lama e nós bebíamos água daquele rio, é claro. São esses momentos que me dão nostalgia: quando subíamos nos cedros até a copa, que era mais flexível, e ficávamos lá em cima balançando. Lembro-me bem de que, uma vez por semana, nos traziam pão – sempre na segunda-feira – e sempre vinha num daqueles sacos de farinha usados nos moinhos. Não sei se eram 5 ou 7 pães. Tinha que durar toda a semana e era preciso controlar porque não podia faltar pão. Com 4 filhos não se podia deixar que faltasse. Não havia vendas por ali e, por isso, era preciso calcular muito bem. No final do mês se pagava o pão do mês inteiro e, nesse dia, o padeiro nos dava uma ‘coca’ de presente.



Uma vez veio um monge à estação e o Sr. Antônio lhe perguntou: “De onde está vindo, bom homem?” E ele respondeu: “de Avellanes, que é um mosteiro que



fica no topo de uma montanha bem alta. Lá quase não vemos ninguém, é como uma clausura. Quando era jovem, me trouxeram um menino que tinha 3 aninhos. Seus pais o deixaram a meus cuidados para que o instrísse e mais tarde se tornasse um monge. Ensinei a ele orações, meditações, o bem, as boas

obras, os Iniciados, falei a ele sobre a natureza. Depois de 15 anos de reclusão, decidi que deveríamos descer até o vilarejo. O discípulo arregalou os olhos e começou a olhar tudo. Nunca tinha visto tanta gente. Como tinha sido deixado aos 3 anos, pouco se lembrava de como viviam seus pais, nem sequer se lembrava de seu lugarejo. Fui explicando tudo a ele. Levei-o ao mercado e disse: “Olhe, aqui tem hortaliças. Aqui os agricultores vendem seus equipamentos, tratores. Há também bois, que servem para lavrar a terra. Eles ajudam muito o homem. Há cavalos. A montaria é nobre e muito útil para uma casa. Olhe bem ao seu redor. Veja um cachorro. O galo é muito útil para o homem porque é ele que desperta a cidade ao amanhecer. Ele canta e as pessoas sabem que é hora de se levantarem; o cachorro é fiel porque está sempre perto do homem para avisá-lo quando há algum perigo. Ele cuida da casa, dos pertences, da propriedade e sempre está por perto para dar algum alerta”.

O discípulo foi ficando com os olhos cada vez mais arregalados. Viu pássaros coloridos, lonas, muitas mercadorias que nunca tinha visto antes e principalmente as pessoas. Era algo que ele estava descobrindo. De repente, o discípulo disse ao monge: “Mestre, mestre, que espécie é essa que está passando ali? O que é?” E o mestre respondeu: “Garoto, tenha muito cuidado, essa espécie é o tigre.” “Tigre?” “Sim, tenha bastante cuidado, pois é muito perigoso.” “Ah, tudo bem!”

Continuaram seu caminho. O mestre comprou-lhe doces pela primeira vez na vida e o discípulo continuava a olhar, a admirar tudo. Terminaram o dia e voltaram para o mosteiro. Quando chegaram lá, o discípulo estava calado, pensativo, não dizia nada. Jantaram em silêncio. O monge perguntou: “De tudo o que você viu, o que mais o marcou na cidade?” O discípulo respondeu: “Mestre, o que me causou maior impacto foi o tigre. Não consigo tirá-lo da cabeça.” O mestre olhou para ele e disse: chegou o momento em que você precisa escolher: ou fica aqui no mosteiro ou desce para a cidade. O tigre é simplesmente a mulher. De fato, o monge chamava a mulher de tigre, mas era uma garota, uma menina lindíssima, bonita, de olhos belíssimos, com um belo sorriso e tinha causado um forte impacto nele e atingido seu coração. Por isso, o futuro monge teve que enfrentar a prova final. O tigre tinha que despertar ou calar para sempre seus sentidos - isso aconteceu com todos nós sem termos que ir à cidade ou sair do povoado.



Há um momento em que sempre acontece esse despertar dos sentidos. O monge compreendeu que aquele era o momento em que o discípulo teria que ir viver sua vida e decidir por ele mesmo qual seria seu caminho, sua Missão. Isso levou um bom tempo e todos os dias o monge perguntava a ele: “Ainda está pensando?” E o discípulo respondia: “Sim, o tigre me impressionou. Lembro-me de seu olhar. Era diferente do olhar do cão, do galo, do cavalo”.

O monge olhou para ele sorrindo. Preparou uma sacola de lona que tinha com a herança que tinha podido guardar para ele e lhe disse: “Faça o teu caminho, veja o teu destino, enfrente a realidade, supere as provas, não rejeite nenhuma. Se tiver medo de enfrentá-las, voltará. Se aceitar todos os dias as suas provas, suas responsabilidades, vencerá. Irá crescendo e, quando menos esperar, as pessoas da cidade virão visitá-lo. Durante todos esses anos você adquiriu sabedoria, paciência e experiência. Só faltava escutar suas emoções, ouvir o que o seu coração lhe dissesse. O jovem compreendeu bem aquelas palavras, pegou a sacola de lona e foi para a cidade. Quando chegou lá, foi procurar o tigre. Ao vê-lo de novo ficou surpreso. Voltou a olhá-lo, cheirou-o e começou a falar com ele. Aquele tigre, que era uma linda garota, não compre-



endia o vocabulário do discípulo e respondeu: “Você sabe dançar e cantar?” E ele respondeu: “O mestre nunca me ensinou essa doutrina. Onde ensinam isso?” A garota ficou surpresa, sem saber o que dizer, e lhe perguntou: “Onde você mora?” “Não tenho casa.” A garota disse: “Como você não tem casa? Você sabe muito bem falar e responde a todas as pessoas que lhe fazem perguntas.” O discípulo disse: “Mas é só isso que tenho.” A garota lhe disse sorrindo: “Se quiser, venha para minha casa.” E o levou.

Acostumado com o silêncio, com o respeito pela natureza, com o respeito pelos Iniciados, com suas orações, suas meditações, aquilo era mais como se estivesse numa feira, num mercado. Todos gritavam, riam, se serviam e ele ia observando. Só quando estava diante do tigre é que seu coração não parava. Parecia que ia explodir. Então, pouco a pouco, a garota foi se aproximando e se descobriram homem e mulher. Realizaram-se, foi algo maravilhoso e daquele menino nasceu um homem e ele perguntou a ela: “Mulher, você quer viver comigo?” E ela lhe respondeu: “Sim, mas você virá para a minha casa, certo?” “Teria que tentar vir para a minha.” “Mas você



não tem casa.” “Construiremos uma. Tenho dois braços e duas mãos fortes e meus pés que saem andar e não têm medo do sofrimento.” Então começaram a construir sua casa e foram viver lá. O tigre cada vez gostava mais daquela vida tranquila, serena, e aquele jovem garoto se lembrava cada vez mais de seu mestre. “Como poderia ver o meu amado mestre? Sinto sua falta e preciso daquela paz e daquela serenidade. Necessito também de sua sabedoria, de ouvir seus sábios conselhos e de saber o

que nos acontecerá amanhã quando deixarmos nossos corpos aqui. O tigre feito mulher não compreendia muito bem aquelas palavras, mas pouco a pouco foi percebendo que precisava ir à cidade, ficar com os seus e estar com ele.

Foram vê-lo e disseram: “Mestre, precisamos de seu conselho.” E lhe contaram o que estava acontecendo. O mestre lhes disse: neste mosteiro, que vocês sabem que é bem grande, há lugar para os três e para aqueles que desejarem vir. Vivam aqui o tempo que precisarem e depois, no inverno, desçam para a cidade para viver com sua família e com os seus. Aqui na montanha, o inverno é muito rigoroso, temos muita lenha, mas o inverno é longo. A mulher e o homem se olharam, sorriram e concordaram. Foi então que ficaram no convento por 6 meses escutando e ajudando o mestre que tanto lhes havia ensinado e, quando desceram para a cidade, se deram conta que a maior riqueza que tinham estava ali em cima daquela colina, mas que nunca se pode separar as alegrias, as cores, as festas, os bailes, o cinema, Madagascar do silêncio e da harmonia da montanha. É a paz de que nossa alma necessita, é aquela tranquilidade que buscamos nas profundezas de nós mesmo.



Esta história foi contada para o Sr. Antônio. Ele vivia feliz porque estava rodeado pelas montanhas e por seu lago – o pântano de Ager – e tinha sua família, seus filhos. Nunca se esquecia de fazer seu seminário uma vez por ano e sabia muito bem que seu equilíbrio estava em sua família, em seu pomar. E todos os dias ia tirando aquelas pedrinhas porque sabia que assim ia em frente.

Não tenham medo, os sentimentos e as emoções fazem parte de nós e temos que aprender a controlá-los. Nem tristeza ao extremo nem alegria ao extremo, procurem um caminho do meio justo e verão que vão aprender a controlá-los e, assim, encontrar seu equilíbrio, sua felicidade e ficarão bem.

Ânimo, minhas sementes! Amem, pois vocês são Sementes de Luz!

Com todo o meu amor!



La Jardinera